

An abstract painting with a textured surface. The top half is dominated by warm, earthy tones of orange and brown, with some darker, almost black, horizontal bands. The bottom half features cooler tones of blue and light brown, suggesting a landscape or a body of water. The brushstrokes are visible and expressive, creating a sense of movement and depth.

elizethe

lou

borggetti

p i n t u r a s



A arte de Lou Borghetti, como toda a arte verdadeira, guarda surpresas e recursos inesperados nos subterrâneos do inconsciente, dela e nosso.

Sua nova fase nos atinge particularmente, pela delicadeza da representação, pela carga simbólica e onírica, pela tensão entre presente e passado, e pelo fluir da vida em tudo isso, uma vida cheia de dor e ternura.

A arte quase primordial --- numa aparente ingenuidade, --- a refinada técnica e o emprego de cores e tonalidades, nos impacta tanto quanto a cadeira trôpega, a escadinha que leva ao céu ou desce pelas águas, a menina ao vento, o animal mitológico. Fica o nosso coração, varado de sentimento e de uma força inaudita que na delicadeza se afirma.

Que artista, Lou Borghetti.

Lya Luft
Escritora

PAISAGEM DO TEMPO



Inquietação é uma palavra que sempre foi ligada ao nome de Lou Borghetti na sua trajetória artística. O papel sempre foi sua marca registrada, utilizado nas colagens, aquarelas, gravuras e fotografias.

Ao optar pela pintura, em papel e telas de grandes dimensões, mescla seus conhecimentos técnicos com lembranças retidas em seus desenhos infantis.

Trabalhada de forma integrada, a série utiliza tinta acrílica, pigmentos, resina e cinza (elemento resultante da lenha utilizada na lareira do atelier) como matéria de relevo. As cores misturadas com resina e, algumas vezes com adição de alguma outra textura, ultrapassam ao simplesmente estético. Estamos diante de paisagens com horizontes onde se mesclam, sutilmente, elementos

pinçados de lembranças da infância, que possibilitam a reflexão do espectador.

No papel, movimentos rápidos da mão, tinta e pincel sobre a superfície branca e desafiadora, obedecendo às regras que o material impõe, porém sem jamais perder o contato com a intuição e emoção. Talvez por isso a forma de quase garatujas dos desenhos sobrepostos à pintura, feitos em geral com o cabo do pincel, pastel oleoso, carvão e a própria linha. Na tela, o mesmo ritual do papel, mas o espaço físico maior exige novas soluções. A divisão de planos, cores diferentes, e novamente os desenhos, propositalmente pequenos, redimensionam o imaginário infantil.

A versatilidade é uma marca de sua carreira, e se percebe, seja através da figura ou da abstração, um saudável rigor técnico e a descoberta de uma linguagem que incorpora o novo em seu fazer.

As imagens são diversificadas e instigantes, demonstram a sensibilidade ao fixar o cotidiano no contexto da pintura. Este acervo, de indiscutível qualidade, transformou-se em saudável investigação e resulta no material que certamente influenciou a série de pinturas recentes. As intenções da artista ultrapassam os limites do decorativo e buscam resgatar, através dos pincéis, memórias de vivências lapidadas por um afinado senso estético.

Decio Presser
Jornalista

LOU BORGHETTI - PINTURAS



É surpreendente comunicar-lhes que, em meio a tantas instalações e conceitos, ressurge alguém que ama. Que ama a pintura em sua forma mais singela e despreziosa, elementar, espontânea. Sim, alguém ainda capaz de pegar em pincéis e, sobre a superfície do papel ou da tela, espalhar cores, criar tramas, construir texturas, inventar narrativas.

Há uma história que merece ser contada. Não é uma farsa, nem novela. Também não se trata de lírica invenção poética desmedida. A fala que se percebe e se ouve, que salta deste conjunto de diferentes estaturas e formatos, é a fala de gente igual a você. Você mesmo, aí, que está lendo este texto. Gente de carne e osso. Gente que sofre e ri. Que se encanta e desata. Que é artista por destino.

Arte (ou destino) não é coisa lá de se achar estranho. Arte não é coisa de gênio. Arte que vale a pena ser vista e vivida é para impregnar nosso cotidiano, invadir nossa casa, habitar o meu, o seu olhar. Há algo melhor para resolver este claro enigma da existência do que acrescentar beleza e não banalidade ao mundo? Se a função da vida é mais vida, Lou acrescenta pitadas, pinceladas, bocadas de tinta aos aromas e sabores de nossa contemplação.

No seu poema *Os Sapos*, lido na Semana de Arte Moderna de 22, Manuel Bandeira já desancava os parnasianos. Ele estava farto do lirismo comedido, da prosa do mercado, das artimanhas e invencionices dos textos críticos. Ele queria falar de coisas concretas: bons poemas, boas pinturas, boa música. O Brasil se inventava a si mesmo. Adentrávamos os anos 30 e produzíamos excelência

na arquitetura, na literatura de caráter regionalista. As pessoas não eram produto da sociedade de espetáculo.

Volto ao passado, a uma época em que se criava sem fanfarronice e sem o olho gordo voltado à mídia. O artista tinha de se provar por seu talento. Por sua entrega. Por seu amor esclarecido a si mesmo e às coisas brasileiras, entranhadas em sua formação.

Lou exalta luzes que trazem bocadinhos do Brasil: memórias, cadeiras em que sentamos, flores que aspiramos, enevoamento que não ousamos dispersar. Tudo se embebe em olhar e tinta. Tudo se dissolve em gesto e corpo. A artista retira sua pele, sua roupa mais íntima e, nua, sem pudor de entrega, se envolve no linho da tela, no algodão ou celulose do papel.

Lou, assim, parece emergir da memória do tempo. [É bom que estejamos despídos de quaisquer sentimentos tolos ao entrarmos no MARGS.] Sua pintura é bruta. Real. Presente. Não há nenhum lirismo desmedido. Ela faz da arte de manchar, com cores, superfícies antes intactas de branco, uma marca. Ouvimos o farfalhar das pinceladas, o marulhar das tintas. Há matéria viva, úmida, impossível de secar pela ação do tempo. Lou parece habitar, mais que às margens do Guaíba, à margem do tempo. E, no entanto, por paradoxo, sua contemporaneidade é radical. Ela não faz concessões. Ela faz pintura.



Leonel Kaz

Editor, professor de cultura brasileira PUC-RJ





Curadoria
Cézar Prestes

Textos
Décio Presser
Leonel Kaz
Lya Luft

Fotografias
Eduardo Carneiro

Projeto gráfico
Alex Medeiros / TYPE Design

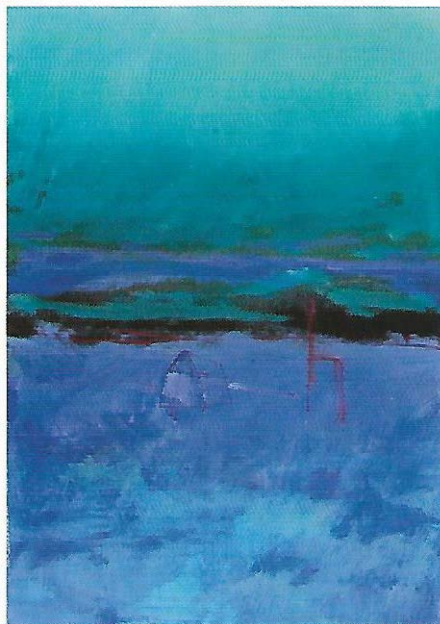
Montagem
Nelson Rosa
Luciano Monteiro
Rafael Araújo
Ricardo Frantz

Plotagem
Superfície design

Tratamento de imagem
GRB Imagem

Divulgação
Cybeli Moraes e Juliana Maia

Agradecimentos
Denise Machado, Diogo Lara,
Fernanda Borghetti,
Paulo Amaral, Renato Rosa,
Rodrigo W. Leusin,
Yves Shiga Casagrande



Visitação: de 30 de novembro de 2006 a 14 de janeiro de 2007

terça a domingo das 10 horas às 19 horas

Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli - MARGS

Praça da Alfândega, s/n° - CENTRO - 90010-150 - Porto Alegre - RS - Brasil

Realização

MARGS

Parceiros

AMARGS

GERDAU

killing



Apoio



**CASA DO
DESENHO**



DOMUS

APLAUSO



Arteplantas



**HOTEL PLAZA
SÃO RAFAEL**



OURO E PRATA
ARMAZENS E SERVIÇOS LOGÍSTICOS



artewebbrasil
www.artewebbrasil.com.br

NOVA PROVA

UM NOVO JEITO DE MUSEUM CULTURAL